

Capítulo 5

A sistematização de experiências nos processos de comunicação dos agricultores: uma discussão a partir do boletim, o candeieiro

*Rosa da Conceição Nascimento
Catarina Tereza Farias de Oliveira*

Introdução

A pesquisa traz uma discussão teórica sobre a categoria de sistematização de experiências utilizada nos processos de comunicação com agricultores e agricultoras realizados pela ASA, Articulação Semiárido Brasileiro. As reflexões são feitas a partir dos estudos de Holiday (2006; 2011) e Silva (2013), bem como de uma análise do boletim, O Candeieiro. O Artigo visa compreender como essas experiências são sistematizadas e que interesses refletem essas sistematizações¹.

O Candeieiro é um boletim impresso, de uma ou duas páginas frente e verso, ou banner. O boletim é produzido pelo *Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2)*², da (ASA)³. Essa

¹ Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), na linha Mídia e Práticas Socioculturais, da Universidade Federal do Ceará (UFC), que analisa a circulação e usos do O Candeieiro.

² O Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) foram criados em 2007, como uma das ações do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido - Um Milhão de Cisternas Rurais, para fomentar a soberania e segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras e a geração de renda, a partir da ideia de convivência com a região semiárida, por meio da implementação de tecnologias sociais de captação de água para produção de alimentos e criação de pequenos animais. Estimular a participação de pessoas e grupos distintos para o desenvolvimento

atividade tem como objetivo visibilizar e fortalecer as ações de convivência com o Semiárido, a partir das experiências de famílias agricultoras, grupos e comunidades.

Para apresentar melhor essa discussão, o artigo está organizado em dois eixos centrais. O primeiro busca compreender esse fazer comunicacional a partir dos estudos dos pesquisadores citados, que tratam da construção da ideia de sistematização de experiências como estratégia de recriar, organizar e perpetuar os saberes do povo. O segundo traz uma abordagem do boletim, O Candeeiro, apresentando duas experiências sistematizadas. Uma conta à trajetória da casa de sementes da comunidade Lagoinha, no município de Itapipoca; a outra narra a implementação do sistema reuso de águas cinza, da família de Ricardo Jerônimo, da comunidade Purão.

2. Uma visão teórica da sistematização de experiências

Holliday (2011) discute a sistematização de experiências de uma forma poética, como uma arte que, cuidadosamente reescreve a história: “é um exercício intencionado que visa a penetrar na trama próxima complexa da experiência e recriar seus saberes mediante um exercício interpretativo da teorização e de apropriação consciente do vivido” (Holliday, 2011, p. 75).

O termo utilizado para essa forma de comunicar, segundo os estudos de Holiday (2006, p. 16) são o mesmo que “[...] classificar, ordenar ou catalogar dados e informações – ‘organizá-los em sistema’. Esta é a definição mais comum e difundida desta

rural sustentável do Semiárido brasileiro. Disponível em: <<http://www.asabrazil.org.br/acoes/p1-2>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2017.

³ A ASA é uma rede formada por cerca de três mil instituições da sociedade civil, consolidada no ano de 1999, a partir de conferência realizada em Recife, que entre outras questões discutiu a necessidade da consolidação de processos para a convivência com o Semiárido, a partir de práticas adaptativas à região. Atua em todo o Semiárido brasileiro, que compreende os nove estados do Nordeste mais norte de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.asabrazil.org.br/sobrenos/historia>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2017.

terminologia”. Nesse sentido, a sistematização caracteriza-se pelos processos de resgate, organização e escrita de determinada história ou realidade.

Pelas discussões de Holiday (2011), historicamente, a sistematização de experiências tem origem na América Latina. Esta surge do esforço local para “construir referenciais próprios de interpretação teórica a partir das condições particulares de nossa realidade” (Holliday, 2011, p. 35). Pelo que Holliday (2011) dialoga, essa forma de comunicar foi pensada a partir da necessidade de se ter um banco de dados e de se tornar visível o que era construído pelo povo, na tentativa de perpetuar seus saberes e fortalecer suas lutas.

É importante enfatizar que no contexto social da América Latina dos anos 1950, a população vivia grandes desafios em âmbito econômico, político e religioso-ideológico, como ressalta Holiday (2011). Para o autor, a vivência dessas dificuldades, resultou na Revolução Cubana, liderada pelo líder revolucionário da época, Fidel Castro. Como consequências desse contexto que antecedeu esse momento de luta, o povo vivia um sistema opressor, em que tudo era pensado e imposto de fora para dentro, como acontece de modo geral na sociedade desigual e capitalista. Esse fazer de sistematizar experiências surgiu das vivências e ações, configurando-se como estratégia para romper com o sistema opressor da época.

Em 1959, a Revolução Cubana abriu um novo período histórico em “Nossa América”, como era chamada por Martí⁴, demonstrando que é possível romper o esquema de dominação colonial que foi imposto aos nossos países desde a conquista espanhola, e também que era possível pensar *a partir da realidade*,

⁴José Martí foi um “Poeta, escritor, orador e jornalista é cultuado em Cuba como o grande mártir da independência do país em relação à Espanha. Para ele, a luta deveria ser uma verdadeira transformação cubana em todos os aspectos: econômico, político e social. Os ideais de Martí, junto com o marxismo-leninismo, guiam a política de Cuba até hoje”. Informação disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/marti_jose.htm. Acesso em: 19 de abril de 2017.

especificamente, da América Latina, um projeto diferente de sociedade fundamentada na busca por justiça social e autodeterminação (Holliday, 2011, p. 35).

Pela história contada pelo pesquisador, com o sofrimento que o povo vivia pela opressão, bem como com o governo da “União Popular do Chile”, foram sendo criadas estratégias de visibilidade das ações e lutas do povo pela transformação. “Nesse contexto, vinculada a todas essas dinâmicas de questionamento e proposição alternativa, surgem às primeiras referências às “sistematizações” de tais práticas” (Holliday, 2011, p. 36).

A sistematização de experiências, nesse contexto, configura-se também como um caminho para alçar os novos rumos apontados pela revolução, que passavam necessariamente pela autonomia do povo, segundo Holliday (2011). Nessa perspectiva, o resgate e sistematização dos conhecimentos locais tornavam-se importantes para o reconhecimento e afirmação das potencialidades locais.

Dessa compreensão, a sistematização de experiências era a forma estratégica de dar consistência àquilo que existia e que existe ainda hoje, que são os saberes populares, e que muitas vezes são invisibilizados e esquecidos ao longo da história social. Para Holliday (2011), materializando o que se tinha em mente e no coração de sentimento e vivência, seria possível fortalecer a luta, a autoestima, trazer a história à lembrança, perpetuar a cultura, podemos dizer.

Pela penetração e interpretação dos fatos, das histórias contadas e vivenciadas, segundo Holliday (2011), seria possível recriar a história, ampliando e aprofundando o saber. É como se ao serem sistematizados, esses saberes ganhassem uma nova forma de contar, bem como uma especificidade singular.

Cada experiência constitui-se em um processo inédito e, por isso, em cada uma delas temos uma fonte de aprendizagens que devemos aproveitar precisamente por sua originalidade; por isso precisamos compreender essas experiências; por isso é

fundamental delas extrair ensinamentos, e por isso é também importante comunicar e compartilhar as aprendizagens propiciadas. (Holliday 2011, p. 77).

Ou seja, cada pessoa, cada grupo, cada experiência tem uma característica peculiar, que se torna importante na construção coletiva dos aprendizados, e que, por tanto, devem ser compartilhadas e consideradas. Sistematizar essas experiências, para o autor é ampliar os conhecimentos, dando continuidade à história, “[...] um desafio para a criação de novos acontecimentos inéditos, e carregados de sentidos” (Holliday 2011, p. 77 e 78).

Silva (2013) cita Milani (2005), para dizer que “sistematizar consiste em realizar uma reflexão crítica sobre uma experiência, construindo uma memória, divulgando saberes, registrando o que se faz na prática”. (SILVA, 2013, p. 07 apud MILANI, 2005).

Dessas reflexões, é possível pensar a sistematização para além da divulgação de uma prática, podendo assim ser estabelecida como um processo político que pelo fato de existir deve cumprir um papel de transformação na vida das pessoas, e na sociedade, de modo geral.

Ainda de acordo com Holliday (2011), o processo de sistematização permeia por caminhos distintos, desde uma reflexão de determinado acontecimento ou trajeto na execução de projeto, até os resultados obtidos.

A ideia, da Articulação Semiárido Brasileiro - ASA (2012) acerca da sistematização de experiências dialoga com as ideias de Holliday (2006, 2011) e Silva (2013). A ASA (2012) acredita que a sistematização é uma forma de transmitir os saberes, de tornar conhecidas histórias de vida, de desafios, de lutas, de conquistas e de convivência, inclusive. E, “[...] potencializam a divulgação das iniciativas bem-sucedidas no campo da agricultura familiar”⁵.

⁵ Informações disponíveis em: < <http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

Dessa forma, na execução do P1+2, pelo que discute a Rede de Articulação Semiárido Brasileiro (2012), a sistematização de experiências de atores distintos envolvidos no processo, ou comunidades, configura-se como um meio de fortalecer a ideia de que o Semiárido brasileiro é permeado por outras perspectivas, que não é apenas de uma terra seca. Pelas discussões da rede, propagar essas questões se tornou importante para uma região considerada por muitas outras do país, como uma região desprovida de recursos necessários para se viver dignamente.

Das discussões feitas tanto pela ASA (2012) quanto por Silva (2013) e Holiday (2006 e 2011), a sistematização de experiências é uma importante experiência que possibilita que as histórias, práticas e trajetórias de vida, bem como os processos de organização e articulação de homens e mulheres, grupos, comunidades e instituições sejam organizados, materializados e visibilizados, de forma que os fortaleçam e, conseqüentemente, contribua com uma sociedade próspera para todos e todas.

È bem verdade, que a dimensão mais revolucionário presente no surgimento dessa discussão ganha planos secundários, mas não deixa de ter relevância na construção de povoados no sentido de buscar uma comunicação das culturas e saberes locais, procurando valorizar suas culturas e mobilizações.

3. O Candeeiro na perspectiva da sistematização de experiências

Como foi mencionado na introdução, o Candeeiro é um dos meios de comunicação da ASA que se estabelece enquanto boletim de sistematização de experiências, como a ASA apresenta (2012). Faz parte das estratégias metodológicas do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), produzido nos municípios onde o programa é implementado e durante sua execução.

Para a rede de articulação (2012), a comunicação, pensada a partir de um componente de um programa, é uma estratégia para

garantir recursos que possibilite que ela aconteça. Segundo Cruz (2016), a comunicação na ASA sempre foi pautada pelos programas; não pelos programas em si, mas pelo processo de mobilização social na ponta⁶ (CRUZ, 2016. Informação oral). A ideia de Cruz dialoga com as informações do manual da rede ASA (2012), que discute essa questão na perspectiva do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido (P1MC), no início da década de 2000: “[...] a comunicação aparece como um dos componentes do projeto, necessária à mobilização social, no fortalecimento das estratégias das ASAs Estaduais e como essencial ao processo de integração e troca de experiências entre os integrantes da ASA” (ASA BRASIL, 2012, p. 26).

Um dos desafios, apontados por Cruz (2016), é garantir que a comunicação nos processos de articulação dessa rede seja pautada na perspectiva da mobilização social para a convivência. “O grande cerne é discutir como é que a gente garante que a comunicação não se limite ao instrumento. O instrumento pode fortalecer, mas a comunicação é uma discussão política” (CRUZ, 2016. Informação oral). Ou seja, nessa perspectiva, a ASA compreende que a comunicação tem um papel muito mais importante do que o de divulgar ações, que é o de cumprir um papel político/social de transformação. Em nossas reflexões, percebemos que é a partir desse objetivo que a ASA une a escolha pela categoria de sistematização de experiência ao ideal que elege para trabalhar com a comunicação para além da informação. Mas como essa proposta ocorre a partir do Candeeiro?

É nesse contexto que a ASA apresenta o Candeeiro, segundo informações disponíveis em seu site (2017). Pelo que discute a Rede de Articulação (2012), além de visibilizar as experiências com agricultores e agricultoras, grupos e comunidades, cria o Candeeiro como um meio de difusão do conhecimento junto aos seus

⁶ Oficina de comunicação da ASA. Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. 25 e 26 de agosto de 2016.

públicos. Sendo essa sistematização uma forma de tornar conhecidas as experiências, e logicamente, também apresentar as potencialidades do Semiárido. Nesse artigo objetivamos problematizar como a ASA faz essa sistematização de experiências através do boletim.

Pelo que as pessoas envolvidas nos processos de mobilização da ASA discutem, o Candeeiro apresenta trajetórias de vida e de lutas de pessoas e coletivos, contadas de uma maneira bem simples, de modo que possa possibilitar a compreensão do leitor, mesmo que este não tenha uma aproximação com o tema. “A gente descobriu o curso de contação de histórias. Foi daí que nasceu a ideia de contar as histórias a partir do Candeeiro, como uma ‘história encantada’. Começamos a fazer a contação de histórias dos candeeiros. Tem sido muito gratificante essa experiência” (ALMEIDA, 2016. Informação oral)⁷. Nesse artigo, não nos dispomos a afirmar ainda sobre a circulação dos candeeiros ou a entender a dimensão de seus usos e apropriações pelos agricultores e agricultoras. Pretendemos aprofundar isso no decorrer de nossa pesquisa de forma mais qualitativa. No entanto, compreendemos que para realizar qualquer estudo de circulação do boletim, é necessário compreender a gênese e os objetivos que permeiam sua criação. Nesse caso, o ideal de sistematizar experiências e as difundir de povoado a povoado, parecem ser o centro da proposta da ASA ao produzir o Candeeiro.

No intuito de fortalecer essa discussão trazemos a apresentação e análise de duas sistematizações de experiências realizadas pelo Candeeiro.

No primeiro boletim que analisamos, o Candeeiro apresenta a experiência da família de Ricardo Jerônimo, da comunidade Purão, no município de Trairi, no Ceará, com águas cinza. Para chegar a esta experiência, primeiro é feito um resgate da trajetória de vida da família, apresentando, inclusive a forma organizativa de

⁷ Oficina de comunicação da ASA. Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. 25 e 26 de agosto de 2016.

trabalho que orienta sua sobrevivência no uso da água, antes de adquirir a cisterna. Isso é realizado como se seguisse uma ordem cronológica.

A imagem principal mostra a família reunida, o que nos faz pensar essa sistematização como uma forma de valorizar as pessoas, podendo, inclusive, elevar sua autoestima, como discute a ASA. Posteriormente, o texto faz uma narração cronológica dos acontecimentos, iniciando com a falta de recursos hídricos, como um desafio que a família tem enfrentado em utilizar água na região. No entanto, o texto do boletim traz o beneficiamento da família com as tecnologias de captação de água, implementada pelas organizações da ASA como geração de mudança de vida. O jornal funciona mais como uma espécie de promoção da ASA e de suas experiências no caso dessa edição do que como uma valorização da família. Diferente de outros Candeeiros que retratam as experiências utilizadas pelos agricultores e criada por estes, nesse exemplar, o boletim, não deixa de expressar o valor e a história da família de Ricardo, mas está mais centrado em valorizar o Programa de Cisternas, promovido pela ASA. Especificamente, essa observação poderá ser percebida também no verso do boletim. Nesse espaço, temos um texto que apresenta a experiência da família com o reuso da água para atividades domésticas e cultivo agrícola e a utilização da água de qualidade (cisternas) para beber. As informações contidas no texto são reforçadas com as fotografias, uma ilustra a caixa elevada e a outra, o composto para o tratamento da água

Figura 01 – O Candeeiro – frente



The image shows the front cover of the magazine 'O Candeeiro'. The title is in large white letters on an orange background. Below the title, it says 'Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas'. To the right, it indicates 'Ano 10 - nº 2239', 'Abril/2016', and 'Trairi'. There is a logo for 'P1+2' with the text 'Programa Uma Terra e Duas Águas'. The word 'Ceará' is written in white on the orange background. The main headline is 'Renovar a água por um Semiárido Vivo' and 'A experiência do reuso da água no Purão'. Below the headline is a photograph of five people (Ricardo, Valderina, Quinha, Manoel, and Gerardo) standing in a lush green garden. Below the photo is a caption and two paragraphs of text.

O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 10 - nº 2239
Abril/2016
Trairi



Ceará

Renovar a água por um Semiárido Vivo A experiência do reuso da água no Purão



Ricardo, Valderina, Quinha, Manoel e Gerardo no quintal regado pelo sistema de reuso

Numa esquina da comunidade do Purão, no município do Trairi (CE), a família de Ricardo Jerônimo Barbosa mostra como armazenar água através das tecnologias sociais pode dar novo ritmo à vida no Semiárido. A família formada por Ricardo, Valderina Barbosa Alves (mãe), e os irmãos Manoel Jerônimo Barbosa, Gerardo Jerônimo Barbosa e Francisco Jerônimo Barbosa divide as tarefas entre uma área de dois hectares – contendo casa, quintal e mata. Valderina, a mãe de Ricardo, ainda conta com a ajuda valiosa de Francisca Firmino Alves, conhecida carinhosamente como Quinha.

A família, desde a época dos avós de Ricardo, sempre trabalhou na agricultura, mas antes era preciso andar longas distâncias para conseguir água para todas as necessidades: pessoais, da casa e da agricultura. Foi no ano de 2009 que essa história começou a mudar a partir da conquista da cisterna de 1ª água. Tendo a água para consumo garantida, a família conquistou em 2014 a cisterna calçadão que possibilitou a diversidade da produção. Foi depois da cisterna calçadão que a família passou a plantar cheiro verde e comercializar na comunidade. "Quando não tinha nenhum armazenamento de água a gente tinha muita dificuldade pra ter água de qualidade para beber, era salobra. Depois que chegou a primeira água já passamos a ter água de qualidade para beber. Com a calçadão começamos a produzir a própria verdura da casa da gente", conta Ricardo.

Fonte: Arquivo do Cetra (2016)

Figura 02 – O Candeeiro – verso

 Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas • Articulação Semárido Brasileiro – Ceará

No fim do ano de 2015, a família recebeu uma experiência inovadora: o reuso de águas cinza. Toda a água utilizada pela família no banho e na lavagem de louça e de roupa, é tratada e reaproveitada para irrigar uma área de 150m² que produz melancia, jerimum, gergelim, mamão, tomate, pimenta, goiaba, maracujá, feijão, milho e macaxeira. Produtos utilizados no consumo da casa e também comercializados diariamente na comunidade e na Feira Agroecológica e Solidária que acontece uma vez por mês no Purão. A água do reuso só não é utilizada para regar a parte de folhas como cebolinha e coentro, que recebem água armazenada pela cisterna calçadão. "Depois do reuso a nossa produção aumentou em 20%", conta o agricultor.



São cerca de 200 litros de água reaproveitados diariamente, e se for durante o final de semana, a quantidade de água reaproveitada aumenta já que a circulação de pessoas na casa também aumenta. O sistema de reuso é formado por canos para captação da água, uma caixa de gordura para filtrar resíduos, um filtro biológico, que funciona com a ajuda de minhocas, um minhocário e finalmente o reservatório para guardar a água tratada que segue para ser armazenada em uma caixa d'água elevada. Para irrigar o quintal, o sistema conta com a gravidade e um conjunto de mangueiras que espalham a água com a intensidade e frequência que a família deseja.

As minhocas, que chegaram junto com o sistema de reuso, também tem agregado renda para a família já que, como as minhocas se reproduzem com facilidade, a família tem comercializado algumas para os pescadores da comunidade. Além do quintal, que é irrigado pelo reuso, a família também tem em sua área espécies como acerola, seriguela, cajueiro, coqueiro, mandioca, graviola, manga, oiticica, pitã e sabiã. Apesar da comunidade ainda não ter casa de sementes, a família tem o costume de guardar suas sementes crioulas de milho, feijão e gergelim. O milho guardado por Ricardo já está na família há, aproximadamente, 100 anos. O quintal da família de Ricardo é um típico quintal das famílias agricultoras do Semárido: agroecológico, rico em vida e em diversidade!



Fonte: Arquivo do Cetra (2016)

Pelo que é apresentado, a ideia central dessa experiência é chamar atenção para a importância do armazenamento de água,

bem como para o reaproveitamento desse recurso para a produção de alimentos.

Esse é o exemplo do boletim a seguir:

Figura 03 – O Candeeiro – frente



Estocar é resistir

A experiência da Casa de Sementes José Faustino de Sousa



Jacinta, Gerson, Francisca Evaneide, Marcos Venício e Geraldo Faustino com o estoque de sementes nativas

A terra da comunidade de Lagoinha, em Itapipoca (CE), foi regada a muito suor. Foi do suor de homens e mulheres que floresceu o trabalho comunitário que se tornou marca da comunidade. No começo foi preciso um tiquinho de incentivo, como conta o agricultor Geraldo Faustino de Sousa ao lembrar que o pai, o agricultor José Faustino de Sousa, colocava lenha nesse tal de trabalho coletivo. O trabalho comunitário é realizado até hoje toda semana na comunidade. São tarefas como construções, roçados, cercas, bater a estrada e o que mais a comunidade apresentar de necessidade.

A comunidade da Lagoinha tem atualmente 99 famílias que se organizam através da Associação de Pequenos Agricultores da Lagoinha I. Um local próprio para guardar as sementes crioulas da comunidade é algo recente, mas a ideia de estocar não é nova. Os agricultores e agricultoras já guardavam suas sementes nativas em casa a várias gerações. A Casa de Sementes José Faustino de Sousa foi construída no ano de 2010 com

Figura 04 - O Candeeiro - verso

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas • Articulação Semiárido Brasileiro – Ceará

recursos de projeto executado pela Cáritas juntamente com recursos da própria comunidade. Atualmente a casa conta com 41 sócios cadastrados, sendo equilibrado o número de homens e mulheres, e todo o empréstimo e devolução de sementes nativas é feita com recibos. As agricultoras e agricultores que pegam sementes na casa se comprometem a devolver o dobro do que levaram.

A casa, que guarda variedades de sementes como feijão, milho, gergelim, sabiá e pau Brasil, se tornou o principal ponto de referência da comunidade, e é também uma forma de fortalecer a memória da comunidade da Lagoinha. "Nós podemos manter a história. O sentimento é de manter a história, a tradição das famílias. As famílias tem suas preferências e já sabe que tipo de semente se deve plantar em cada período do inverno", conta a agricultora Jacinta Maria de Sousa Lima.



Ficha de cadastro e recibo da casa de sementes



Espaço de experimentação agroecológica da casa de sementes

O estoque inicial da casa foi formado com sementes que os agricultores e agricultoras já guardavam em casa, mas com o tempo o estoque e variedades foram crescendo. Variedades de milho e feijão que a comunidade havia perdido foram recuperadas através de intercâmbios de experiência. Exemplo disso é o feijão Jaguaribe, que é um feijão "custoso". "Através da casa participamos de intercâmbios e conhecemos muita coisa nova, muita semente nativa que não conhecíamos", conta o agricultor Venício Faustino Alves sobre os intercâmbios de experiência. A Casa de Sementes José Faustino de Sousa faz parte da Rede de Intercâmbio de Sementes - Ris Três Climas e tem sido fortalecida entre os anos de 2015 e 2016 através do projeto Sementes do Semiárido executado pelo CETRA.

A partir da estocagem da semente crioula se fortaleceu também na comunidade o debate sobre alimentação saudável. Afinal, como lembram os agricultores e agricultoras, quem planta sua semente nativa no quintal sabe exatamente o que está comendo. E é com a certeza de que estão produzindo alimentos saudáveis que a comunidade realiza toda primeira quinta-feira do mês sua feira agroecológica e mantém um espaço de experimentação agroecológica ao lado da casa de sementes. As agricultoras e agricultores da Lagoinha expressam no sorriso a felicidade de poder compartilhar a experiência da comunidade, e a alegria de que a semente crioula seja motivo de união e valorização da história de um povo.



Agricultoras/es na entrada da casa de sementes

Realização



Apoio



Ministério do Desenvolvimento Agrário

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome



Fonte: Arquivo do Cetra (2016)

Neste outro exemplo, a sistematização conta a experiências do coletivo da comunidade Lagoinha, em Itapipoca no Ceará. Apresenta a história da comunidade com o armazenamento de sementes. Primeiro situa o leitor do contexto da comunidade, logo

em seguida traz à memória da prática de estocagem de sementes que as famílias tinham e por fim, a história de organização e constituição da Casa de Sementes Comunitária.

A terra da comunidade de Lagoinha, em Itapipoca (CE), foi regada a muito suor. Foi do suor de homens e mulheres que floresceu o trabalho comunitário que se tornou marca da comunidade. No começo foi preciso um tiquinho de incentivo, como conta o agricultor Geraldo Faustino de Sousa ao lembrar que o pai, o agricultor José Faustino de Sousa, colocava lenha nesse tal de trabalho coletivo. O trabalho comunitário é realizado até hoje toda semana na comunidade. São tarefas como construções, roçados, cercas, bater a estrada e o que mais a comunidade apresentar de necessidade. A comunidade da Lagoinha tem atualmente 99 famílias que se organizam através da Associação de Pequenos Agricultores da Lagoinha. Um local próprio para guardar as sementes crioulas da comunidade é algo recente, mas a ideia de estocar não é nova. Os agricultores e agricultoras já guardavam suas sementes nativas em casa a várias gerações. A Casa de Sementes José Faustino de Sousa foi construída no ano de 2010 com recursos de projeto executado pela Cáritas juntamente com recursos da própria comunidade. Atualmente a casa conta com 41 sócios cadastrados, sendo equilibrado o número de homens e mulheres, e todo o empréstimo e devolução de sementes nativas é feita com recibos. As agricultoras e agricultores que pegam sementes na casa se comprometem a devolver o dobro do que levaram. (Candeeiro, março de 2016).

Na frente do segundo Boletim, encontramos a foto de agricultores e agricultoras com garrafas de sementes nas mãos, ressaltando o trabalho coletivo destacando a diversidade das sementes armazenadas na casa.

No Verso do Candeeiro, três fotografias: uma do cadastro dos sócios, outra da casa de sementes e a última, dos agricultores e agricultoras no espaço onde ocorre a feira agroecológica, ilustram as informações sobre a experiência da comunidade da Lagoinha.

Nesse último boletim é mais destacada a organização coletiva e a cultura dos trabalhadores rurais da Lagoinha, mas também, não deixa de ser citada a intervenção e colaboração da Cáritas e do Cetra (Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador), demonstrando que o boletim apoia não apenas o trabalho de organização do trabalhador rural, mas também fortalece a atuação das instituições não governamentais que compõem esse movimento.

As duas experiências sistematizadas são apresentadas na mesma estrutura. Ambas seguem uma ordem cronológica: falam dos desafios, conquistas e perspectivas. Entretanto, a diferença é que enquanto no primeiro jornal, o elemento em destaque é o programa de cisternas, no segundo Candeeiro, o trabalho coletivo e a cultura de armazenar sementes da comunidade da Lagoinha tem maior destaque do que as duas instituições citadas, Cáritas e Cetra.

Vale ressaltar que o boletim, O Candeeiro, é produzido por pessoas contratadas pelas organizações da ASA nos Estados onde o P1+2 é executado. O Candeeiro é padrão em todos os Estados, o que varia é a cor e o nome do Estado. No Ceará é laranja⁸. A parte inferior verde segue o mesmo padrão, conforme a figura apresentada. Vale ressaltar, no entanto, que não estava em nosso planejamento discutir o layout, mas a proposta de comunicação e de que forma está dialoga com a ideia dos autores pesquisados acerca das reflexões sobre sistematização de experiências

De cada sistematização são impressos mil exemplares. Esse material é entregue à família ou grupo da experiência, geralmente em um evento da comunidade, ou alguma atividade do programa, como o intercâmbio, por exemplo. O público-alvo é o agricultor e a agricultora familiares, bem como as instituições que trabalham com o semiárido, conforme percebemos a partir dos dois boletins analisados.

⁸ Em outros Estados a cor varia entre verde, verde, amarelo, marrom, azul, entre outras, conforme apresenta o acervo da ASA. Disponível: <http://www.asabrasil.org.br/acervo/o-candeeiro?start=125#categoria_img>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017.

Pelas informações no seu site (2017), a ASA compreende que o Candeeiro, além de visibilizar as experiências de produção no Semiárido, pode elevar a autoestima das pessoas, assim como também, é um importante instrumento pedagógico, que contribui com a construção coletiva do conhecimento, dialogando com a ideia de Holliday (2011) sobre a importância das referências para a transformação social. Nessa perspectiva também discute Brochardt (2013).

4. Considerações Finais

Pelas discussões de Holiday (2011) e Silva (2013), a sistematização de experiências tem como finalidade reconstruir as histórias de vida, no intuito de visibilizá-las, materializá-las e fortalecer a luta do povo. Percebemos um tom revolucionário na origem do conceito que ganha uma tonalidade mais de mobilização e valorização do saber local do que de expressão revolucionária. Esta última estava ligada ao contexto histórico de surgimento da categoria, tanto ao longo da trajetória do conceito, quanto das experiências da ASA. A ASA discute a sistematização de experiências na perspectiva de Holiday (2011) e Silva (2013) com sua dimensão educativa e de valorização do saber local. Para a rede de articulação, esse fazer comunicacional é um importante aporte pedagógico para a troca de conhecimentos, bem como de elevação da autoestima das pessoas e visibilização de suas ações. Das reflexões acerca da sistematização de experiências e da avaliação dos boletins apresentados, O Candeeiro configura-se como uma sistematização de experiências que procura fortalecer e difundir as práticas culturais dos agricultores e seus modos de convivência com o semiárido. É dessa forma mais suave que a ideia de transformação é trabalhada, procurando valorizar dimensões de organização e coletividade dos movimentos sociais populares rurais. É importante destacar que o Candeeiro tem uma função ambígua que também faz propaganda de instituições que apoiam a

ASA e da própria ASA. É relevante ficarmos atentos para que essa forma de promoção institucional não seja central na proposta de sistematização de experiências da ASA.

O que fica em questão, a partir desse artigo, é nosso interesse em discutir a circulação das experiências nas comunidades em que a ASA elabora o Candeeiro, problematizando seu consumo e apropriações pelas famílias. Em outras pesquisas voltaremos a essa interrogação.

Referências

ASA. **Comunicação para mobilização social: uma estratégia de fortalecimento da ASA**. Recife-PE. 2012.

ASA. **Relatório da Oficina de Comunicação: Recife PE**, 25 e 26 de agosto de 2016.

BROCHARDT, V. S. **Comunicação popular na construção de políticas de acesso à água no Semiárido: a experiência da ASA**. 2013. 231 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

HOLLIDAY, O. J. **A Sistematização de Experiências: prática e teoria para outros mundos possíveis**. Tradução de Juliana Gafrée e Sílvia Pivero; colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach. – 1 Ed. Brasília, DF: CONTAG, 2011. 332 p.

_____ **para sistematizar experiências**. Tradução Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006. 128 p. Série Monitoramento e Avaliação, 2.

SILVA, A. P. G. da e outros. **Sistematização de Experiências: Instituto Agrônomo de Pernambuco - Vinculada à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária**. Recife – PE, 2013.